

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Memória do Santos Futebol Clube (SFC)

O incansável capitão

História de [Zito \(José Ely de Miranda\)](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 16/12/2013

P/1 – Zito, bom dia. Eu queria iniciar a entrevista pedindo para você falar o seu nome completo, local e data de nascimento.

R – Bom dia. Meu nome é José Eli Miranda, nasci em Roseira, São Paulo, em oito de agosto de 1932.

P/1 – Você poderia falar o nome dos seus pais e que atividades que eles realizavam?

R – Meu pai era Joaquim Miranda, minha mãe Jandira Miranda, meu pai era comerciante, ele tinha um armazém de secos e molhados em Roseira.

P/1 – E os seus avós de onde eram?

R – Meus avós maternos eram de Taubaté, os meus avós paternos eram de Roseira.

P/1 – E como é que era Roseira na sua infância?

R – Roseira era uma bela cidade, pequena, não existia calçamento, mas era uma cidade muito alegre, se conhecia todo mundo porque a população era pequena. Era ótima porque a gente jogava futebol nas ruas porque não tinha calçamento, então a gente jogava futebol de manhã, de tarde e de noite. E foi assim que eu aprendi a jogar futebol.

P/1 – O senhor se recorda do seu primeiro contato com a bola?

R – Em Roseira mesmo. Lá nós usávamos, naquela época, bola de meia, se fazia bola de meia e também se fazia bola de bexiga de boi. Era raro matar um boi em Roseira porque era pequena a cidade. Então tinha um açougue que de vez em quando matava um boi pra suprir o açougue. Nesta época era uma festa porque a bexiga do boi, a gente fazia bola pra jogar na rua. Isso foi impressionante.

P/1 – Como é que se faz uma bola de bexiga?

R – Porque a bexiga é uma bola, você enchia bexiga e amarrava. E ela ficava uma bola, meio torta, mas ficava. E a gente utilizava disso como bola. Porque foi uma época difícil de conseguir uma bola, não existia com essa facilidade que tem hoje. E depois começou a aparecer as bolas de borracha, depois as bolas com capotão, aquele capotão costurado. Mas isso já mais pra frente.

P/2 – E a bexiga resistia bem, Zito?

R – Resistia. (Riso)

P/1 – E o senhor se lembra da sua casa como era?

R – Lembro. A minha casa ficava ao lado, aliás, o armazém pertencia a casa, era um corpo só. Tinha o armazém que era relativamente grande e do lado era a nossa casa, com um quintal grande, como era de todo o interior e principalmente naquela época que terreno não tinha esse valor

que tem hoje. Então as casas eram sempre grandes, com quintais grandes, tenho saudades dela até hoje.

P/1 – Tinha rádio em casa?

R – Tinha. Tinha aqueles rádios antigos, mas tinha.

P/1 – Então, o senhor já acompanhava o futebol também pelo rádio?

R – Só pelo rádio. Mas eu não acompanhava futebol no rádio, eu não gostava muito de acompanhar pelo rádio não. Eu só sabia os resultados, mas eu não acompanhava.

P/1 – E o senhor ajudava o seu pai no armazém?

R – Ajudava, quando era garoto ajudava, até a idade de dezesseis anos eu ajudei no armazém. Aliás, ele chegou, meu pai chegou a montar um armazém do outro lado da rua para vender, tentar uma nova modalidade de venda que era a venda à vista porque se vendia muito fiado. Então, ele fez uma loja do lado, outro armazém do lado para vender só à vista. E eu é que tomava conta do armazém.

P/1 – E dava certo isso? De vender à vista?

R – Olha, eu não sei dizer para você se deu certo ou não deu certo porque a minha idéia de lucros e prejuízos naquela época era muito vaga, eu só vendia pelo preço que ele me determinava, eu não sabia se ele comprava por X e vendia por Y, eu não tinha essa idéia. Eu não era tão esperto assim não. Mas eu acho que deu certo porque ficou um bom tempo até que nós, que eu saí de lá. Então eu acho que deu certo.

P/1 – A que se deveu a saída de Roseira?

R – Eu saí de Roseira para jogar no Taubaté, aí já para jogar como profissional.

P/1 – O convidaram, como é que aconteceu?

R – Aconteceu o seguinte: eu jogava em Roseira e num jogo, o presidente do Taubaté era dono de uma torrefação de café, chamava-se Café Vitória naquela época. E tinha um time de futebol porque ele gostava de futebol. Então, ele tinha esse time do Café Vitória, que era da empresa, e era presidente do Esporte Clube Taubaté. Então, o Café Vitória foi jogar em Roseira e eles gostaram do meu futebol lá em Roseira e devem ter falado pro Seu José Rodrigues, que era o presidente do Taubaté, e ele foi me contratar. E foi assim que aconteceu.

P/1 – E o senhor já jogava no meio?

R – Comecei. Engraçado, naquela época não havia uma posição fixa, mas eu comecei de volante no Taubaté e morri de volante. (risos)

P/1 – Então, quer dizer, isso o senhor tinha a idade de...?

R – Eu tinha, quando fui para o Taubaté, vinte anos, dezoito anos.

P/1 – Em 1950?

R – É.

P/1 – Aí a sua família fica...

R – Não, a família continuou lá, a família tinha as suas raízes dela lá em Roseira, os negócios do meu pai em Roseira. Eu fui sozinho, me transferei do Ginásio de Pindamonhangaba para Taubaté. Então, passei a estudar e a jogar no Taubaté, lá em Taubaté.

P/1 – Como é que foram esses dois anos aí de Taubaté?

R – Eu adorei esses dois anos tanto que foi difícil para mim me desligar do Taubaté porque eu gostei muito da cidade, gostava do clube. Eu não tinha essa, como que é, esse interesse de aventurar para um grande clube, para outro lugar, não havia. Eu convivi muito bem em Taubaté esses dois anos.

P/1 – E o Taubaté disputava que divisão do campeonato?

R – Segunda Divisão, porque naquela época tinha 2ª Divisão e a divisão principal, a 1ª. Eu acho que não tinha 3ª, não me lembro bem, se tinha 3ª Divisão ou 4ª. Mas o Taubaté disputava a 2ª Divisão, disputava junto com Guarani, com Barretos, Ribeirão Preto, Botafogo, Mogiana. Foi um tempo bom também.

P/1 – E na sua equipe tinha algum jogador que destacava?

R – Tinha um que se destacou e veio comigo para o Santos, foi o Hugo, Hugo dos Santos, era um meia-esquerda, ponta de lança, que existia naquela época muito bom, um craque, foi o melhor meia-esquerda do interior na época. Ele veio comigo também, só que ele veio com 29 anos, já no fim da carreira dele, mas chegou a jogar dois ou três anos no Santos.

P/1 – Como que foi então a contratação do senhor pelo Santos?

R – Na época, o delegado regional de Taubaté, Dr. Maneco, chamava-se esse delegado, era fanático por futebol, não me lembro bem se ele era são-paulino ou corinthiano, mas era fanático por futebol. E eu me dava muito bem com ele lá em Taubaté. E ele foi transferido para Santos e aqui ele fez a propaganda, a minha propaganda e despertou interesse do Aymoré Moreira, que na época era o treinador aqui e eles me contrataram. Interessante que geralmente quando se contratava um jogador naquela época tinha-se que fazer um teste pelo menos. Mas nós não fizemos teste nenhum, viemos contratados diretos de lá para cá, eu e o Hugo, viemos os dois juntos, através do Dr. Maneco.

P/1 – E como que foi essa sua chegada a Santos?

R – Sem festa, sem sirene porque naquela época não existia isso. (riso) Olha, pra mim foi uma, eu vim, eu não posso dizer que me contrariaram, mas eu sou muito conservador e foi uma mudança radical até me habituar aqui levou um tempo. Mas por sorte chegou o Hugo comigo então eu era muito inibido também. Logo você faz amizade, o futebol tem isso de bom, o futebol é espetacular porque você faz amizade rapidamente e aí segue. Quando você entra no ambiente aí fica tudo mais fácil.

P/1 – Como que era o time do Santos em 1952?

R – Olha, você quer a escalação do time?

P/1 – Como era a equipe e o...

R – O Santos era um time de sexto lugar, sétimo lugar no campeonato. Nesse ano que eu vim nós ficamos no sétimo lugar. Jogava o Manga, goleiro, jogava na lateral direita, jogava o Elvío, Formiga, o Formiga estava novinho quando eu cheguei, me deu muito apoio. Formiga e o Expedito na lateral esquerda. Eu vou dar também a escalação daquela época, como jogava naquela época. Jogava Antoninho, que foi um grande jogador, foi um craque, um dos maiores do Santos. E o Pascoal, que era o volante quando eu cheguei. Então, na ponta direita jogava Cento e Nove, morava aqui no Guarujá, viu, não sei se ele está lá ainda. Cento e Nove, Nicácio de centro-avante, Nicácio, Odair e o Tite. Depois o Odair foi transferido para o Palmeiras, parece que foi vendido para o Palmeiras entrou o que estava chegando comigo. Esse era o time do Santos. Jogava o Cássio na lateral direita, Cássio Nogueira, na lateral direita. Era Cássio, Elvío e o Expedito, isso mesmo. Esse era o time do Santos.

P/1 – E o senhor já chegou de titular?

R – Olha, eu posso até dizer que era titular, mas era uma espécie de Amélia no Santos porque eu jogava - Amélia a gente fala, não sei se vocês conhecem esse termo “Amélia, que era mulher de verdade” -, mas a gente usava esse termo para dizer do jogador que jogava aonde precisasse, como o Lima foi no Santos depois. Eu também fui, eu era média do Santos, eu jogava em todas as posições ali da defesa e meio de campo. Então, era titular, mas comecei jogando de volante, eu jogava de lateral direita, eu jogava de lateral esquerda, jogava de meia-direita, de meia-esquerda, voltava volante que era, no fim, foi a posição que eu me adaptei melhor.

P/1 - O senhor então chegou e foi morar aonde?

R – Eu fui morar, eu e o Hugo alugamos uma casa aqui em Santos e eu morava com ele. Até, foi durante dois ou três anos morando com ele.

P/1 – Quer dizer, que em 52 o Santos já estava fazendo assim a espinha dorsal do grande time que ia conquistar o bi-campeonato em 55 e 56.

R – Praticamente estava porque começou a montagem realmente aí, porque nós já tínhamos lá o Formiga, o Pepe estava no juvenil, o Del Vecchio estava no juvenil e depois foram chegando os de fora, mais tarde, depois de 1953, na realidade, é que o Santos começou a montar grande time com o Lula, o Lula era técnico, eu já estou passando para 53. Ele era técnico dos amadores, bom, naquela época não existia auxiliar técnico. E o técnico do Santos era o Giuseppe Otina, eu não sei a nacionalidade dele, se era polonesa, eslovaco, não, italiano desculpe, Giuseppe Otina. Não foi bem e o Lula foi guindado do júnior, do juvenil ou dos amadores para o time profissional em 1953 num Torneio Rio-São Paulo. E daí começou a crescer e foi muito bem nesse Torneio Rio-São Paulo. E era um homem muito esperto, muito inteligente e começou a montar, aí começou realmente a montar o time do Santos. O Vasconcelos que era um meia-esquerda que veio do Vasco para a Portuguesa Santista, começou a despontar bem na Portuguesa Santista, o Santos contratou, ele pediu a contratação do Vasconcelos, foi muito difícil de tirar ele da Portuguesa, mas conseguiu tirar e foi um grande jogador na campanha do Santos. E trouxe o Pagão também, da Portuguesa. Trouxe o Álvaro do Jabaquara, ele trouxe o Álvaro do Jabaquara, o Ramiro que veio do Fluminense, era do Santos, foi para o Fluminense depois voltou. Aliás, o Ramiro foi da campanha de 55, isso mesmo. Então, o Lula começou a montar o time realmente em 1953, quando ele assumiu a chefia lá no Santos.

P/1 – Quer dizer, então, de 53 a 55 o Santos também não ficou muito bem colocado nos campeonatos.

R – Não, o Santos em 53 começou realmente, o time começou a crescer, nós fizemos uma excursão, a primeira vez que o Santos, acho que, saiu em excursão foi em 1953, uma excursão na Argentina. Quer dizer, você vai pegando experiência no exterior e vai observando, porque naquela época os argentinos eram o espelho do excelente futebol no mundo, eram os melhores do mundo. Então, nós fizemos essa excursão em 53, pra

nós foi muito bom porque nós conhecemos o futebol argentino, jogamos contra o melhor time da Argentina na época que era o River Plate. Mas você vai adquirindo experiência, experiência de fora, que é importante. Não era o Lula ainda, o treinador. Foi em 1953, na volta que começou o Torneio Rio-São Paulo, parece que houve um desacerto com o treinador e o Lula assumiu. Então em 1954 nós fizemos uma campanha excelente. O Santos contratou o Walter Marciano do Ipiranga, meia armador fora de série, depois foi para Espanha e infelizmente morreu num acidente na Espanha, era muito bom jogador. Então já estava com o time armando, querendo crescer, em 54. Tivemos uma partida decisiva em 54 contra o Corinthians em São Caetano, deu uma confusão danada, perdemos o jogo e era um jogo que se o Santos ganhasse poderia talvez até ser campeão naquele ano. O juiz chamava-se Tijolo, vocês não lembram, era um juiz carioca, foi muito mal, deu uma confusão na cidade danada! Foi difícil sair de lá depois. E em 1955 foi o grande ano do Santos, o grande tiro pra crescer no futebol. Foi em 1955 com o Lula, burilando, montando.

P/1 – Então vamos falar um pouquinho então desse campeonato de 55. O time base então de 55.

R – O time base de 55 acho que era Manga, era o Ramiro, não, vamos falar a escalação que como era: era Manga, Elvino e Ivan, se não me engano, Ramiro, Formiga e eu, era Alfredinho, Álvaro, Del Vecchio, Vasconcelos e Tite. Acho que esse era o time. Na final, eu não joguei na final contra o Taubaté, eu não joguei, eu não sei se eu estava machucado ou o que aconteceu, se eu estava suspenso ou não. Não, eu devia estar machucado. Jogou o Urubatão, no jogo final contra o Taubaté aqui em Santos. Mas era o time base esse aí.

P/1 – E foi um campeonato muito difícil?

R – Foi porque, imagine, hoje é difícil um time fora de São Paulo ganhar um campeonato paulista, um time do interior, é muito difícil, é uma guerra, vocês nem imaginam. Imaginem naquela época então! Era muito mais difícil. E o Santos conseguiu furar. Aquilo foi um milagre porque montar um time daquela envergadura, daquele tamanho que foi o Santos, fora de São Paulo, sem dinheiro porque o Santos viveu até a pouco tempo de arrecadação de sócios, de venda, de campanhas que fazia na Rua 15 de Novembro pra sacas de café, angariar sacas de café, vender pra poder pagar jogador. Então era um time relativamente que vivia numa situação de difícil aperto e pra furar esses grandes de São Paulo: Palmeiras, Corinthians e São Paulo, era muito difícil, era quase que impossível, na época. Eu acho que o Santos conseguiu uma coisa inimaginável, na verdade. Isso depois veio a acontecer com a Inter de Limeira que disputou com o Palmeiras e depois do Nabir Chedid, com o Bragantino, mas já pra cá, com a queda do futebol que pegou todos os clubes mais ou menos nivelados por baixo. Mas naquela época foi muito difícil, foi um acontecimento. E o Santos começou a crescer porque o Santos investia tudo no futebol, tudo e tudo o que arrecadava investia no futebol. Então o Santos virou um time comprador, surgiam craques do sul, do Rio, onde surgiam o Santos comprava e conseguia manter o time, um grande time até 1970 por aí.

P/2 – Agora, Zito, com relação ainda ao campeonato de 55, quais as partidas mais marcantes? Você disse que foi uma guerra.

R – Eu não tenho idéia, eu não me lembro. Partida marcante foi a final com o Taubaté, mas todo jogo com o Corinthians era importante. Mas eu não tenho recordação de 1955 de jogo com o Corinthians, não tenho.

P/1 – O Santos não conseguiu vencer o Corinthians nesse campeonato.

R – Pra nós era uma glória, não por ser o Corinthians, mas porque a torcida do Corinthians era muito grande e como é até hoje, muito grande. Então era interessante você ganhar de um time, machuca mais, é mais gente. (riso) Eu não tenho lembrança. Eu tenho lembrança do último jogo que eu não participei.

P/2 – Foi justamente contra o Taubaté, de onde o senhor veio.

R – Exatamente.

P/1 – Você já era o capitão da equipe?

R – Não, era o Ramiro, até o Ramiro se transferir para Espanha. Eu não sei se foi em 58. Cinquenta e oito não foi, ele deve ter ido em 59 para Espanha. E aí de 59 para frente eu passei a ser capitão.

P/1 – Quer dizer, ainda em 55 então o Pepe já começa a jogar...

R – Pepe veio guindado do juvenil, Del Vecchio também, eram juvenis do Santos. Foram criados aí.

P/1 – E eles já mostraram esse potencial todo, você já imaginava que ele ia ser esse craque?

R – Mostrava, Del Vecchio também, foi excelente centroavante e o Pepe também, tinha um chute muito forte, driblava muito bem pela frente, chutava do meio de campo para frente com muita direção. Ele tinha, não era um jogador que desperdiçava chute, Pepe tinha um chute certeiro. Então, ele passava da linha média, chutava e realmente acertava o gol com violência, então se destacou nisso. Acho que foi o segundo artilheiro do Santos, tenho a impressão que foi. Quatrocentos gols. Excelente artilheiro, ponta-esquerda.

P/1 – Em 56 o time sofre uma mudança grande ou não?

R – Não. O time continua, em 56 nós trouxemos, em 56 o Santos trouxe o Jair da Rosa Pinto, que foi, aliás, está no Rio. Vocês vão entrevistar o

Jair, não vão? Foi talvez o maior meia-esquerda que eu vi jogar, também tinha um chute fantástico. O Santos contratou o Jair que estava saindo do Palmeiras, entrou na meia-esquerda no lugar do Walter, acho que, quem era meia-esquerda, meio armador, Álvaro. Jogou o Jair de meia-esquerda e o Álvaro de centroavante. Eu não sei, mas eu tenho a impressão que neste ano o Del Vecchio deve ter se transferido para a Itália. Aí já o ponta-direita era o Alfreidinho, continuava o Alfreidinho em 56.

P/1 – Revezando com o Tite também, não?

R – Revezando com o Tite. Jair era meio armador, Álvaro de centroavante, não, não era o Álvaro, era o Del Vecchio mesmo. E a final foi no, em 56 foi no Pacaembu, Santos-São Paulo. O Del Vecchio virou o jogo, acho que o São Paulo estava ganhando de 2 a 1 e no fim ganhamos de 4 a 2, o Del Vecchio virou esse jogo. Então, jogava Álvaro e Del Vecchio de centroavante e o Jair de meia-esquerda, que foi campeão em 56.

P/1 – Tinha o Vasconcelos...

R – O Vasconcelos era titular absoluto porque era a estrela do Santos na época. O Vasconcelos e o Pepe já em 56. Cinquenta e cinco e cinquenta e seis. Pepe e Tite, Pepe revezava com o Tite, Tite revezava com o Pepe e revezava com o Alfreidinho, jogava na ponta direita e na ponta esquerda. E engraçado, esse ano o Santos foi bi-campeão e perdemos acho que foi esse ano mesmo, nós fizemos um jogo com a Portuguesa e perdemos de 8 a 0. Mas fomos campeões na final.

P/1 – O senhor se recorda, essa partida final venceu o campeonato paulista em São Paulo.

R – É o que eu estou te falando, é uma façanha grandiosa ganhar um campeonato em São Paulo sendo do interior, ganhar um campeonato do São Paulo no Pacaembu era uma coisa inimaginável. Mas para nós jogadores, nós já sabíamos o nosso potencial. Você já não tremia quando ia jogar contra o São Paulo no Pacaembu ou contra o Corinthians ou com o Palmeiras. Então, você já estava mais, era um time mais experiente então não havia esse medo. A gente sabia da nossa força. Então, foi um jogo lindo, um jogo muito bonito, houve um problema, o Santos trocou a zaga na véspera da decisão, dois zagueiros nossos estavam machucados e o Santos entrou com uma zaga diferente e deu certo. O time parece que nem sentiu esse problema. Então, era um time realmente de crescimento.

P/1 – Eu queria que você falasse um pouquinho como era o Jair da Rosa Pinto.

R – Como era como?

P/1 – Como jogador.

R – Olha, como jogador ele foi fantástico, foi um craque, foi um lançador emérito, não vi nenhum jogador que se aproxime do Jair na armação do jogo porque ele era um lançador emérito. Colocava o atacante sozinho com o goleiro várias vezes dentro do jogo, chutava muito forte, muito forte, do meio de campo para frente, era perigo. Mas era franzino, não era um lutador, mas era rápido, driblava muito bem. Também era um jogador que não mantinha contato com o adversário, ele não dava chance do adversário se aproximar dele. Enfim, foi um jogador para a história do futebol brasileiro. Realmente, na minha opinião, foi o maior na posição.

P/1 – A gente não falou como é que eram as comemorações aqui em Santos, após o título, a cidade fez uma grande festa?

R – Em 55 foi uma grande festa, fazia 20 anos que o Santos não se sagrava campeão. Nós viemos de, acho que nós viemos já num carro de bombeiros, eu não tenho idéia, não me lembro muito bem, mas parece que sim. Na entrada da cidade a população esperando, a festa maior foi aqui no Gonzaga, depois fomos para o Parque Balneário, antigamente existia o Hotel Parque Balneário e foi onde culminou a festa. Já em 1956 eu acho que a festa terminou na Vila Belmiro. Já mais organizada, já com o time crescendo, já tinha uma substância o time do Santos, já era algo mais do que era antes, 55 para trás. Então, já se fazia, se organizou uma festa na Vila Belmiro, Corpo de Bombeiros para carregar os jogadores, já se tinha idéia que podia ser bi-campeão. Então, se organizou a festa.

P/1 – Zito, em 56 tem duas coisas que a gente ainda podia destacar, você vai para a seleção brasileira, não?

R – Em 56, eu fui para a seleção brasileira foi no campeonato Sul Americano no Uruguai, realmente, do Santos foi o Jair, fui eu, foi o Tite, foi o Formiga, acho que fomos os quatro, eu sei que o Tite depois voltou. Mas eu joguei só na estréia, jogamos contra o Chile e perdemos, acho que foi de 4 a 1 para o Chile, e fui substituído. O treinador era o Oswaldo Brandão, acho que saí eu e o Jair, saímos do time. Mas foi realmente a minha estréia na seleção brasileira, mas formada de jogadores paulistas, não tinha jogador carioca.

P/2 – Por quê?

R – Eu não me lembro por que. Talvez porque o campeonato carioca estivesse em andamento, mas eu me lembro que foi formada uma seleção de jogadores paulistas só.

P/1 – E como é que isto repercutiu assim pra você? Você alimentava o sonho de ser convocado?

R – Não, olha, eu comecei a alimentar sonhos aqui no Santos porque até então nem imaginava que podia chegar a ir a algum lugar além da cidade, além de São Paulo. Mas depois dessa primeira convocação, com o crescimento do Santos, com a observação do futebol no Brasil porque aí nós começamos a trocar, haver intercâmbio de Rio pra São Paulo com o campeonato regional que era o Torneio Rio-São Paulo, com

seleção paulista, Campeonato Brasileiro de Seleções. Aí você passa a observar os times do Rio, os times do Norte, Nordeste, do Sul. E você começa a ver que você tem condição. Aí a gente começa a sonhar realmente: “Caramba, eu tenho alguma coisa!” Nessa época a seleção brasileira era formada quase que totalmente por cariocas, dificilmente um estranho. E começou a mudar justamente em 1956, 57 com o mesmo treinador Brandão, foi o Sul Americano no Peru, aí começou a mudar, já começou a jogar jogador paulista na seleção, jogador do sul, já houve uma abertura. Porque tinha treinador de São Paulo porque antigamente os treinadores eram do Rio. E foi isso. Aí você começa a sonhar, você vê o volante do Rio que na época era o Dequinha, você começa a jogar contra o Dequinha, você começa a se aperceber, perai, dá pra brigar. Então você começa a sonhar e realmente você começa a sonhar porque você vê que há possibilidade.

P/2 – Falando em jogador, Zito, quando você começou a jogar você tinha algum ídolo?

R – Incrível, o meu ídolo era o Oberdan Cattani, o goleiro do Palmeiras. (risos) Eu encontrei com ele bem depois e contei pra ele, ele achou graça, goleiro, né? Mas era o meu ídolo.

P/2 – O que fascinava o senhor no Oberdan?

R – Era o jeito de jogar, era um goleiro sem espalhafato, jogava simples e era excelente goleiro na época. E eu tinha, quando eu era garoto, alguma simpatia pelo Palmeiras. Cheguei até a ver uma final Palmeiras e São Paulo, não me lembro agora quando foi. Mas eu tinha alguma coisa de simpatia pelo Palmeiras e o meu ídolo era ele.

P/1 – Olha, ainda em 56, tem um episódio que marca aí o Santos que é a chegada do Pelé.

R – Bom, ele chegou, mas com júbilo realmente, foi a chegada do Pelé. Foi trazido pelo Waldemar de Brito, por coincidência eu estava na chegada dele, nós estávamos treinando e muito jovem, 16 anos, 15 para 16 anos, já forte, mas foi a coisa mais maravilhosa que aconteceu no futebol brasileiro, foi a chegada do Pelé no Santos. Porque talvez se ele tivesse ido para outro time, não sei, as coisas tivessem mudado porque ele chegou no time certo, na hora certa. As coisas estavam acontecendo no Santos, o time já era bi-campeão e ia seguir crescendo, fatalmente ia seguir crescendo e o Pelé chegou na hora certa, tanto que ele chegou em 56 e dois anos depois foi para a Copa. Mas ele já demonstrava, ele treinava até conosco, com os profissionais, ele já demonstrava que tinha muito talento, com o juvenil. Dava muito trabalho nos treinos pra gente. E teve sorte porque em 1957 o Vasconcelos, num jogo com o São Paulo ele teve a infelicidade de quebrar a perna e aí o Pelé teve a oportunidade dele. Porque não fora isso, talvez tivesse sido a vida dele diferente, porque o Vasconcelos era a estrela do time, ponta de lança, estrela do time. Aí, com o problema do Vasconcelos, abriu a oportunidade para o Pelé mostrar o futebol dele. O Pelé também eu acho que mudou um pouco o futebol dele porque nos treinamentos era mais meio armador e depois ele começou como ponta de lança. Mas era um profissional muito, muito exemplar, muito dedicado, ele ficava sozinho no campo treinando perna esquerda, perna direita, inventando jogadas, criando jogadas novas. Então deu no que deu. Essa fera.

P/1 – Então em 57 estava todo mundo embalado pra conquistar o tri.

R – Conquistar o tri que nós perdemos para o São Paulo de novo. Foi o São Paulo, não?

P/1 – Sim, com o Zizinho.

R – Com o Zizinho e tudo. Estava embalado e o Santos foi muito prejudicado em 57. Eu nem vou falar, nem gostaria de mencionar esse lado do futebol, mas foi muito prejudicado, mesmo num jogo contra o São Paulo, nós tivemos que fazer cinco gols em São Paulo para valer um. Então estava escrito que não podia ser tricampeão naquele ano. Foi duas vezes tri-campeão mais na frente, mas em 57, infelizmente, o Santos não conseguiu chegar por uma série de problemas.

P/1 – Em 58 a gente tem que falar um pouquinho então da Copa do Mundo.

R – É, 58. Mas a Copa foi em junho, foi depois do Campeonato Paulista, não foi?

P/1 – Ela já foi depois do campeonato?

R – Eu acho que foi, ela foi em junho como é todo ano, mas a Copa foi uma coisa, alguma coisa também, vamos dizer, indescritível, inatingível, nem passava pela cabeça ser campeão do mundo, nem passava pela cabeça jogar na seleção, imagina ser campeão do mundo. Então, mas sem experiência, poucos, raros jogadores tinham experiência no exterior, de ter jogado contra times no exterior, nós tivemos o Gilmar. O Gilmar já tinha jogado antes, era na seleção ele jogou na Inglaterra, jogou na Itália. Mas eu, eu só tinha jogado na Argentina, acho que o Pelé não tinha jogado em lugar nenhum, o Pepe também não. Nós fizemos algumas partidas amistosas aqui contra a Bulgária, contra Paraguai. Mas a emoção de ter sido chamado para jogar uma Copa é indescritível. Então, você chega lá com uma garra para ficar, porque na época eram chamados 36 jogadores para ficar 22. Era uma guerra, todo mundo queria ir. E foi uma novidade, para mim foi inesquecível. Fui para o Rio, fomos para o Rio, começamos o treinamento no Rio, ficamos hospedados no Hotel Paineiras e íamos treinar no campo do Vasco. Mas fui, graças a... Eram três volantes, se não me falha a memória, era o Dino Sani, eu e acho que tinha um volante do Flamengo, não sei se era esse menino que é treinador hoje, se era daqui. Bom, no fim ficamos os dois: o Dino e eu para a Copa. Antes ele começou jogando, ele jogava muito bem, era um craque o Dino, graças a Deus me apareceu a oportunidade no terceiro jogo contra...

P/1 – União Soviética.

R – União Soviética, nós entramos contra a União Soviética. Eu entrei junto com o Pelé, com o Vavá e o Garrincha. Trocou quatro jogadores para esse jogo.

P/1 – Por que é que trocou?

R – Eu na realidade não sei por que trocou, não havia assim uma... Porque foi uma... Antigamente eram o treinador e os jogadores, não havia uma comissão técnica, foi um início de uma nova administração da seleção brasileira em 58. Antes era o treinador e os 22 jogadores, quem mandava era o treinador. Ele talvez pudesse ter um diálogo maior e até saber porque não ia jogar. Mas em 58 o Dr. Paulo Machado de Carvalho foi o comandante e chefe da comissão técnica, fez um projeto novo de administração da seleção brasileira que incluía uma comissão técnica, foi aí que se criou a comissão técnica. Mas a comissão técnica, ela se comunicava em reuniões com o grupo ou em informações que eram afixadas num quadro negro. Você não tinha essa liberdade de saber o porquê isso ou porque aquilo. A nossa obrigação era acompanhar a movimentação da seleção através das informações. Eu soube que ia jogar no dia.

P/1 – Exatamente, você soube que ia jogar no dia?

R – No dia do jogo. Eu não sabia, não fui preparado nem nada. Porque eu acho que a partir do momento que você está lá você tem que estar preparado e nem reclamo de não ter sido informado. Para mim foi normal e natural porque era assim que se, era assim que era a coisa, funcionava. Para mim, eu achei absolutamente normal e gostei porque me apareceu uma oportunidade novamente e a gente agarra com unhas e dentes. E deu certo.

P/1 – E você podia contar um pouco como é que foi esse jogo da União Soviética?

R – Esse jogo da União Soviética... Foi engraçado esse jogo da União Soviética. Nós estávamos concentrados num lugarejinho na Suécia que se chamava Híndas e do lado a uns 500 metros estavam os soviéticos. E eles viam o Garrincha treinar porque nós treinávamos por ali perto um do outro. E a gente observava a União Soviética tentando ensinar os jogadores a fazer como o Garrincha para o marcador titular. E a gente ficava rindo, observando e rindo porque eles eram duros, como é até hoje, era um futebol duro e era pior ainda na época. Então, a gente ficava observando e foi a maior partida que o Garrincha fez naquela Copa. Ele liquidou totalmente com os russos. Então, foi uma partida que chamou a atenção mais pelo que o Garrincha fez, não pelo Pelé ou a própria seleção, mas pelo o que o Garrincha fez, realmente o Garrincha explodiu nesse jogo da Rússia, foi muito bom.

P/1 – E a semifinal com a França?

R – A semifinal com a França foi a melhor partida minha, esse jogo, eu acho. Nós não tínhamos ninguém, na verdade na nossa observação, o Brasil estava muito forte, então nós não tínhamos medo de ninguém. Embora, a França tivesse o melhor ataque da Copa, realmente eram jogadores excelentes, mas era só o ataque, porque o resto era um time comum. Então, fica aquela expectativa da semifinal e tal, mas medo realmente nenhum. Foi um jogo muito bom, espetacular, ficou mais fácil porque em uma jogada com o Vavá o zagueiro Jonquet, da França parece que teve um problema sério e teve que sair. E naquela época parece que não tinha regra três, então a França jogou com 10 jogadores. Então foi relativamente fácil, mas a França tinha realmente um grande ataque, sofremos dois gols, um inclusive eu tomei um drible do meia-esquerda Piantoni, jogou a bola no meio das minhas pernas e fez o gol. Mas era um belo ataque, o ataque da França foi, era o melhor da Copa, não sei se foi o melhor que o do Brasil, mas naquela altura era o melhor ataque da Copa. Mas foi um grande jogo. Você quer saber do jogo seguinte?

P/1 – O jogo seguinte já foi a final.

R – O jogo seguinte foi um estardalhaço porque eles diziam que o Brasil até então jogou em campo seco e choveu pra caramba! E que campo molhado nós não íamos ter tranquilidade para jogar. Isso os jornais suecos que eram traduzidos para nós. Mas a Suécia, claro, qualquer time quando chega a uma final o time cresce, agarra aquela vontade de chegar, era um time, eu diria, muito comum sem muita... Tinha dois jogadores no ataque que eram muito bons, um ponta-esquerda e um centroavante e não tinha mais nada, os outros jogadores são comuns. E nós entramos confiantes e não tivemos problemas não para ganhar esse jogo.

P/1 – E quando tomou o primeiro gol?

R – Nada aconteceu, normal, não houve um nervosismo porque tomamos o primeiro gol, nada disso. A gente tinha consciência de que ia ganhar o jogo e podia ganhar. Como ganhamos. Não nos esquentou a cabeça aquele jogo, a gente sabia que time eles tinham e o Brasil estava com muita vontade, muita garra. O Brasil não tinha ganhado uma Copa ainda então nós não podíamos deixar escapar. E a final ficou até fácil e digo mais um time que tem um Garrincha e um Pelé, meu Deus do céu! Só pode perder por um aborto da natureza porque cada jogador desses requer dois marcadores para cada um então são quatro jogadores para marcar os dois, facilita para o resto, facilita para os outros jogadores. Então, a gente tinha muita confiança, sabia o que tinha, nós sabíamos a nossa força, nós sabíamos que esses dois jogadores eram importantes então o resto era fácil.

P/1 – E como é que foi quando o juiz apitou o fim da partida?

R – Foi uma emoção, para mim foi a minha maior emoção que eu tive na minha vida esportiva, no futebol, eu vir da Copa de 50, não de ver, mas de acompanhar a Copa do Mundo de 50, aquela tristeza todo do Maracanã, lotado quase 200 mil pessoas, certo que o Brasil ia ganhar e você ganhar lá fora é muito mais importante ainda. E foi uma emoção! Para mim, a minha maior emoção que eu tive na minha vida foi essa, emoção

esportiva.

P/1 – Aí vocês voltam para o Brasil..

R – Voltando para o Brasil foi a maior recepção que eu vi na minha vida, eu fiquei deslumbrado, foi no Rio de Janeiro porque nós descemos no Aeroporto do Galeão, é longe do Rio e viemos em carros de Bombeiros, viemos de lá até o Palácio do Catete. Mas de lá do Aeroporto do Galeão até o Palácio do Catete tinha milhares, milhares e milhares de pessoas que não dava vir correndo o caminhão porque era muita gente e o povo correndo atrás, do Galeão até o Catete, eles correndo atrás do caminhão. Nossa! Foi uma vibração como eu nunca vi na minha vida, foi emocionante essa chegada!

P/1 – Gilmar diz que demorou horas.

R – Demorou horas para chegar porque era muita gente, durante esse trajeto inteiro, gente, gente, muita gente. E com batedores, e batedores atropelando gente, nossa! Foi muita gente! E foi muito bonito, muito emocionante. Primeiro nós descemos, acho que descemos em Recife porque foi uma briga danada porque exigiram que a seleção descesse em Recife. Descemos em Recife, demos uma volta, também bastante emocionados, foi uma loucura! Foi uma loucura generalizada! Onde você passava... Em São Paulo foi depois a mesma coisa. Então, a mesma emoção o povo brasileiro que gosta de futebol sentiu, ficou desvairado com a conquista.

P/1 – Do Santos era você, o Pelé e o Pepe?

R – Eu, Pelé e o Pepe.

P/1 – Quando vocês chegaram à cidade foi outra festa?

R – Outra festa. Nós chegamos, o Corpo de Bombeiros de novo, e o Gilmar também, parece, porque o Gilmar era daqui de Santos e se juntou à comemoração. Foi outra festa aqui também, muito bonita a festa.

P/1 – Zito, quer dizer, então 58, você campeão mundial e antes disso Santos se torna campeão paulista mais uma vez.

R – Eu não sei se foi antes ou se foi depois.

P/1 – Realmente foi antes. Porque a Copa do Mundo foi no meio do ano. Então o Santos é campeão pela quarta vez, você tem alguma coisa que você destaca deste campeonato de 58, que você se lembra?

R – Em 58 foi a terceira vez. Não tenho lembranças desse campeonato de 58, na realidade.

P/1 – A Copa marcou mais esse ano.

R – Acho que a Copa marcou mais, não me vem na lembrança, nem a final não me lembro com quem foi a final, se é que houve uma final porque ocorria de o Santos ganhar o campeonato algumas rodadas antes da final. A sistemática do campeonato paulista foi mudada por causa do Santos, porque lá na frente 60 e... Quando começou a crescer muito, o Santos ganhava o campeonato já com algumas rodadas de antecipação e aí renda caía, o interesse caía. Aí começaram a pensar em mudar, a reformulação do sistema de campeonato.

P/1 – Nesse período então de 58, 59, vocês já faziam excursões para o exterior?

R – Olha, depois da Copa, o Santos fazia excursões duas vezes por ano, janeiro e fevereiro o Santos excursionava na América, na América do Sul e Central e no meio do ano viajava para a Europa. Um excursões longas de mais de um mês, quarenta dias, por aí.

P/1 – Jogava dia sim, dia não.

R – Não, raras vezes ocorreu isso. Jogava-se de dois em dois dias, de três em três dias. Nós ficávamos até dois meses e pouco fora. O campeonato paulista começava em fim de fevereiro, começo de março, então o Santos ficava em janeiro e fevereiro excursionando pela América Latina.

P/1 – Como é que era a rotina da excursão?

R – A rotina da excursão é a rotina da concentração. O Santos em 59 já era um time com algumas estrelas mundiais. Então aonde chegava era muito concorrido, porque já era um time que estava despontando. Um time que foi respeitado na Argentina, o Santos era muito respeitado, jogadores eram ídolos na Argentina, na América inteira já a partir de 1959, começou a crescer. Eu me lembro que a gente chegava na Argentina, os próprios jogadores respeitavam o time do Santos. Quer dizer, o futebol brasileiro através do Santos realmente cresceu e cresceu mais do que o futebol argentino que na época mandava no mundo. Então em 59 começou o ciclo de excursões longas do Santos. Em janeiro a gente saía, começava pela Argentina, ia subindo a América. Eu me lembro que no Peru, nós chegamos no Peru e numa partida contra, acho que foi contra o Alianza, eu não tenho boa memória, talvez o Pepe tenha se referido à isso, foi que nasceu o “olé” no futebol. A torcida peruana toda gritando “olé” porque o Santos prendia a bola, já estava de três ou quatro, prendia a bola, chegava no ataque, botava pra defesa e os peruanos gritavam olé, olé contra eles mesmos. Porque eles iam ver o Santos, não o time deles, porque não tinha como ganhar do Santos. E quem me chamou a

atenção para este fato foi um peruano que eu conheci em Santo André, era um engenheiro eletricista e ele falou: “Zito, o “olé” começou em Lima, em 1959. Vocês fizeram uma exibição espetacular”. Me chamou a atenção que quem criou o olé foram os peruanos nesse jogo do Santos lá em Lima. E essas excursões culminavam, nós jogávamos quase na América do Sul inteira e íamos encerrar no México num torneio pentagonal que tinha tudo ano no México. Em 59 nós fomos também ao México e fomos campeões do pentagonal.

P/1 – Exatamente.

R – Então encerrava no México. Essa era uma excursão de quase dois meses, começado o campeonato paulista, depois da excursão em maio e junho, e em julho o Santos viajava para a Europa. Começou em 59, primeira excursão. Posteriormente, em todos os outros anos seguiu essa rotina de excursões até que se foi criada a Libertadores da América. Campeonato Brasileiro, quer dizer, Copa do Brasil e a Libertadores da América. O Santos foi em 58, 59 pra frente foi penta-campeão, cinco vezes seguidos campeão do Brasil com direito a disputar a Libertadores da América. Então já entrava num torneio importante, que foi a Libertadores da América, que o Santos ganhou duas Libertadores e não ganhou outras porque na época não havia um patrocínio. Então o dinheiro, a arrecadação de Santos era do Santos, no Brasil era do time brasileiro e a de lá era do time da casa. Como o Santos era um time grande, conhecido, estava fazendo um furor no mundo, lá fora dava renda, aqui dentro não dava renda porque você jogava contra times da Bolívia pequenos até a classificação. Então não era interessante para o Santos, era desembolso, só desembolso porque não tinha televisão. Hoje a televisão promove esses jogos e paga muito bem, fora o patrocinador que naquela época não tinha. Então o Santos disputou, talvez, três Libertadores, não disputou mais porque dava prejuízo.

P/1 – E Zito, é uma competição difícil, a Libertadores, né?

R – Muito difícil. Hoje mais ainda, mas naquela época o Santos tinha muita possibilidade, era realmente o melhor time do mundo, poderia ter ganhado mais Libertadores ou campeonato do mundo, ou no mínimo classificava pra final.

P/1 – Ah, se disputasse outras...

R – Se disputasse todas as que tinha direito. O Santos foi cinco vezes campeão brasileiro e podia ter disputado as cinco. Mas não era rentável, ao contrário, dava prejuízo, tinha viagem de avião, ia por conta do clube, não tinha apoio de CBF, não tinha apoio de ninguém.

P/1 – Zito, já que estamos falando de Libertadores, você se lembra da primeira campanha.

R – Da Libertadores?

P/1 – Que foi 62.

R – Sessenta e dois, sessenta e três foram as finais, foi no ano da Libertadores.

P/1 – Teve um jogo que não terminava nunca a final.

R - Teve um jogo, me lembro de um jogo, não sei o ano que nós ganhamos lá no Uruguai, estávamos perdendo em Santos, houve um problema com o juiz chileno, Sr. Robles, que parou o jogo com os uruguaios ganhando o jogo, mas houve uma pressão muito grande para que ele continuasse apitando para terminar o jogo. Terminou o jogo, nós ganhamos o jogo, classificou o Santos, mas só que no aeroporto o juiz no relatório dele terminou o jogo antes do Santos, naquela hora do tumulto então nós perdemos o jogo. Então, fomos jogar a final na Argentina contra, acho que com o Peñarol. E eu acho que o Santos ganhou lá com relativa facilidade, eu não me lembro do resultado, mas torcedor argentino apoiando o Santos, apoiou muito o time do Santos, eles gostavam muito do Santos na Argentina, em todo lado também. Gostavam do Santos, eles admiravam o Santos. Por exemplo, o Santos jogava contra o River Plate, contra o Boca Juniors, eles começavam a torcer para o time deles quando eles viam que não davam eles aplaudiam o time do Santos. Eu acho que o único time que conseguiu ganhar e não ser apedrejado e ao contrário ser aplaudido foi o time do Santos. É difícil acontecer isso, em qualquer lugar é difícil, mas o time do Santos conseguiu chamar simpatia de todos os lados onde jogou.

P/1 – E vocês disputam então a primeira final do mundial que foi contra o Benfica, não é?

R – Foi contra o Benfica, foi um jogo lindo, ganhamos com muita facilidade do Benfica, gozado, aqui foi um jogo mais difícil. Nós jogamos aqui, ganhamos de um a zero, no Maracanã, parece que foi no Maracanã. Eles tinham um jogador que marcava muito bem o Pelé e o próprio time do Benfica era um time em crescimento porque o futebol português estava crescendo nessa época. E foi difícil ganhar do Benfica, aqui ganhamos de um a zero e lá foi muito mais fácil ganhamos de 5 a 2, foi um jogo fantástico, sem erro praticamente o Santos jogou muito e ganhamos de 5 a 2. Nesse jogo eu estava até em perigo de não jogar porque estava com problemas respiratórios, mas no fim acabei jogando, foi muito bom.

P/1 – O Pelé fez uma partida aí magnífica também.

R – Pelé e Coutinho. Aliás, o time todo jogou bem, mas o Pelé, cada jogo do Pelé era uma festa, principalmente para mim que joguei atrás dele armando jogada. Eu passei 10 anos jogando com o Pelé e foram 10 anos de festa, eu sou uma testemunha do que foi o Pelé realmente no futebol, porque era uma festa vê-lo jogar. Então, nesse jogo e em todos os jogos o Pelé foi muito, sempre se saía bem.

P/1 – E as tabelinhas do Pelé e do Coutinho?

R – Eram naturais, eram quase que automáticas, eram dois homens inteligentes, o Pelé muito criativo, muito inteligente, o Coutinho também muito inteligente, bons jogadores, são dois craques. Aquilo saía naturalmente, até dá impressão que um olhava para o outro e sabia o que o outro ia fazer, parecia ensaio, mas não existia ensaio no futebol naquela época, não se falava em jogada ensaiada, aquilo começou muito depois. Mas eles faziam isso no treino e faziam naturalmente isso no jogo, era uma beleza indescritível.

P/1 – Agora, o time era todo entrosado, jogava por música já.

R – É verdade, jogava por música, era muito entrosado porque talvez nós vivêssemos mais juntos do que juntos com a própria família, era treino todo dia, jogo, viagem, excursão, treinamento, brincadeiras, coisas novas, descobrindo coisas novas, descobrindo o mundo. Porque naquela época era difícil sair para o exterior, mas nós realmente conhecemos muita coisa boa, passamos por alguns apuros também. Mas isso deu uma unidade para o time, era um conjunto harmônico, era uma orquestra viajando junto o mundo. E com isso o futebol do Santos cresceu muito, a gente já imaginava jogadas, já sabia o que o outro ia fazer, ia fazer ou não ia fazer. Muito bonito na época.

P/1 – E falando um pouquinho dos bastidores, então, do time. Os treinamentos que vocês tinham são como os de hoje?

R – Não. Era menos treinamento, nós trabalhávamos um período diariamente, ou o período da manhã ou o período da tarde. Quando a gente treinava coletivo, porque hoje acho que nem treina, raramente a gente vê, era feito à tarde e quando era preparação física era feita de manhã. Mas nesse início até 1958 era muito rudimentar a preparação física, era muito simples, não era pra valer como é hoje. E isso só passou a ter valor realmente depois da Copa de 58 com a profissionalização do preparador físico. Na comissão técnica já surgiu o Paulo Amaral que era preparador físico do Botafogo e que era um homem muito sério, muito exigente. Aí então começou a valorizar a preparação física do atleta mais porque era muito rudimentar, você treinava, fazia o que queria, às vezes não treinava. E posteriormente em 59 também surgiu o Júlio Mazzei aqui em São Paulo, começou a preparação física no Palmeiras bem mais seriamente do que era, depois ele veio para o Santos. Aí se começou realmente a dar maior valor já em 1960, 62... 60 para frente, acho, que se começou a dar realmente valor à preparação física. Porque até então, tinha time que era o próprio treinador que preparava fisicamente o time sem saber, sem técnica, sem regra nenhuma, assim naturalmente. Aí começou realmente depois da Copa de 58, começou-se a levar mais sério a preparação física.

P/1 – Zito, como é que era o equipamento, as chuteiras eram diferentes também.

R – Diferentes não, era o que tinha na época, nós tínhamos talvez no máximo dois fabricantes no Brasil de chuteiras, eu me lembro da Chuteira Maracanã, que era que nós usávamos. O dono da empresa, da fábrica chama-se Sr. Agostinho, era um senhor simpático, vinha muito em Santos, trazia as chuteiras e testava. E a gente pedia para ele: “Olha, dá para melhorar aqui, melhorar ali?” Então, era essa Chuteira Maracanã que a gente usava na época. Quando nós começamos a viajar a gente procurava ver nas vitrines das lojas chuteiras diferentes, mais leves. O problema das chuteiras nossas era o peso, ela geralmente já era pesada e quando você jogava em campo enlameado, que a gente jogava, ficava impossível de carregar. A tendência era sempre procurar chuteira mais leve. Então, a Argentina como era um centro mais, eles tiveram grande prestígio antes do Brasil, eu cheguei a comprar na Argentina uma chuteira bem leve, com trava de borracha que na época aqui não existia e a gente jogava em campo duro, muito duro, no interior, você saía do campo com a pele saindo debaixo do pé por causa do campo duro. E aquelas chuteiras eram umas travas redondas e você nem sentia o campo com a chuteira. Daí nós descobrimos que a trava de borracha dava uma comodidade maior e se passou a jogar até hoje com chuteira de trava de borracha só que com o campo molhado ela não oferece uma segurança. E hoje mesmo com o campo molhado o jogador joga com, difícil a gente incutir no jogador que não dá para jogar com chuteira de borracha, eles jogam ainda, até hoje, com chuva mesmo. Mas naquela época era a Maracanã, Chuteira Maracanã.

P/1 – Zito, como é que era o seu comportamento dentro de campo, o seu temperamento?

R – O meu temperamento era um temperamento muito exigente, de luta para querer ganhar o jogo, eu exigia o máximo de mim mesmo, exigia dos que estavam ao meu redor, falava muito, gritava muito, chamava atenção, alertava, chegava no fim do jogo eu estava rouco de tanto gritar, eu gritava mais do que corria. Mas tudo no intuito de ganhar, ganhar o jogo.

P/1 – Dizem que você sempre queria ganhar aí de cinco ou de seis?

R – De cinco e de seis porque eu acho o seguinte: havia uma acomodação geral no três a zero, quatro a zero. E eu ficava bravo com isso porque eu achava o seguinte: fica gravado o resultado do jogo para a eternidade porque se for um a zero vai ficar na história o um a zero. Ora, se você está ganhando de três, você pode ganhar de cinco, de sete, de oito, de dez, você tem que ganhar de cinco e de dez. Essa era a minha idéia, e eu brigava muito por causa disso. E talvez por isso que tenham saído aquelas goleadas históricas que nós jogamos com o Palmeiras, por exemplo, não sei que ano foi, nós viramos jogo com o Palmeiras ganhando de cinco a um no primeiro tempo “Hoje nós temos que colocar dez no Palmeiras, para ficar gravado.” E é verdade que o Palmeiras virou o jogo no segundo tempo, de seis a cinco e depois nós reviramos em sete a seis, foi um jogo de treze gols, um clássico de treze gols. Quer dizer, era uma coisa fantástica, maravilhosa uma coisa que raramente ocorre, mas eu era exigente nesse sentido. Porque se você pode fazer seis vai fazer três, tem que fazer o seis, procurar fazer o sétimo. Porque quando você tomava e ia atrás, eu perdi de oito a zero para a Portuguesa e é doído. E o esporte é isso, você tem que ganhar, você tem que machucar o adversário, machucar no bom sentido. Se você puder ganhar de onze você não vai ganhar de cinco, tem que meter uns doze. Era assim.

P/1 – A gente estava comentando de você em campo, da sua maneira, do seu temperamento. Você podia falar um pouquinho também da sua maneira de jogar, de se posicionar, como é que o volante na sua época jogava.

R – Naquela época o futebol jogava no esquema de 4-2-4. São dois jogadores no meio de campo, quatro atrás e quatro na frente. Mas eu era um jogador que gostava muito de atacar, e geralmente quem atacava era o meia, o meia-armador, era o que podia aproximar mais do ataque e o

volante recuado, sempre no meio recuado, mas eu gostava muito de atacar então eu atacava muito. Porque eu corria muito e estava muito sempre na frente e atrás. Eu era praticamente o sexto atacante, que eu ia muito, ia, eu me aproximava da área nas jogadas, eu era uma opção, sempre me tornava uma opção para a bola atrasada e eu fazia, a bola estava na direita, por exemplo, eu me aproximava no lado direito, se a bola estava no lado esquerdo, eu me aproximava do lado esquerdo. Então, eu corria muito. Então, me tornei um sexto atacante, mas um sexto atacante do que um defensor.

P/1 – Você jogou no tempo com o Mengálvio?

R – Mengálvio era um meio armador, só que o Mengálvio jogava atrás de mim, então ele ficava praticamente cobrindo o meio de campo e eu sem posição praticamente ali no meio. Eu ia para a direita, para a esquerda e apoiava muito.

P/1 – Zito, você foi um jogador que pela sua posição você marcou muitos gols, você marcou 57 gols pelo Santos. Você podia comentar alguns deles que te marcaram.

R – Gols pelo Santos, eu me lembro de poucos. Eu me lembro de um gol que eu fiz contra o Palmeiras, no Valdir, que até hoje eu me encontro com ele e ainda brinco com ele. Foi o jogo que Santos e Palmeiras fizeram um jogo em homenagem à visita do Príncipe da Inglaterra, então a gente chama de jogo do Príncipe. O Príncipe estava no Pacaembu vendo esse jogo e eu fiz um gol quase do meio de campo no Valdir porque estava molhado o campo, de pé esquerdo, eu ainda brinco muito com ele sobre esse jogo. E me marcou, marcou primeiro porque foi o jogo do Príncipe, com a presença do príncipe da Inglaterra e o jogo contra o Palmeiras que eu fiz com o pé esquerdo. Eu era meio cego de esquerda. Então esse me lembra bem. E o outro gol que eu me lembro foi o gol da Copa, esse sim é inesquecível, foi o segundo gol, praticamente o gol da vitória. Então esse gol me lembra bem.

P/1 – Você poderia descrever? Foi o gol contra a Tchecoslováquia?

R – Sim, esse, o gol contra a Tchecoslováquia. Foi uma jogada que nasceu na defesa e o Mauro me tocou a bola no meio de campo e eu conduzi a bola e toquei pro Zagallo que tinha recuado e estava no meio de campo. E continuei correndo pelo meio de campo. O menino meia-esquerda, o Amarildo, tinha se deslocado para a ponta esquerda e o Zagallo fez um lançamento para o Amarildo e eu acompanhando a bola, a altura da bola. E o Amarildo lá na ponta esquerda deu um drible no lateral e fez um cruzamento e eu nessas alturas já estava lá. E atrás de mim estava o marcador do Garrincha. Então quando eu digo que o Garrincha tem que ser marcado por dois. Então eu entrei sozinho pelo meio de campo, na hora que ele fez o cruzamento eu estava sozinho porque o goleiro saiu pra tapar o primeiro pau e veio uma bola bem baixa, eu tive até que me abaixar pra fazer aquele gol. Mas foi assim, foi uma jogada criada lá de trás, num lançamento. Eu toquei para o Zagallo, ele lançou o Amarildo na ponta esquerda e ele deu um corte no zagueiro, ele tinha uns dribles muito bonitos, ele dava um corte no jogador, ficava sozinho, olhou e me colocou, eu e o gol, foi fácil fazer. (riso)

P/1 – E já que a gente está falando da Copa, vamos comentar algumas coisas em relação à Copa do Chile.

R – É, a Copa do Chile, nós tínhamos um elenco já muito experiente porque depois do campeonato da Suécia nós continuamos em excursões nos quatro anos, testando jogadores ou viajando, intercâmbio. Mas já era um grupo bastante experiente. Mas não foi fácil este campeonato do Chile, foi bastante difícil, foi mais difícil que o primeiro porque já jogadores com certa idade, no Chile, eu estava com 30 anos, Nilton Santos estava com 30 e poucos anos, nos pegaram com alguma idade já. Mas tivemos um jogo difícil que foi contra a Espanha, o time da Espanha conseguiu, contra nós eles trocaram o time todo, tirou jogadores estrelados do time e colocou garotada nova. E foi um jogo difícil, realmente foi um jogo difícil para o Brasil, houve até uma jogada duvidosa do Nilton Santos, um pênalti que o juiz não deu, felizmente não deu. Azar nosso que o Pelé machucou, mas por sorte o Garrincha estava numa temporada genial, praticamente era o ataque do Brasil, 80% deste título o Brasil deve, na realidade, ao Garrincha que foi fantástico nessa copa.

P/1 – Como é que foi o clima dessa final?

R – Nós já tínhamos jogado contra a Tchecoslováquia, nós já conhecíamos o futebol eslovaco, um futebol até que bastante solto, com alguns jogadores de maior talento, tinha um bom goleiro, era considerado o melhor goleiro até então, mas a gente sabia que também não era difícil de ganhar. Mas foi muito difícil, a gente estava confiante, a gente tinha confiança de poder ganhar aquele jogo. Nós já conhecíamos o time antes, já tínhamos cruzado com eles antes então não diria que foi fácil, foi um jogo difícil, mas merecido.

P/1 – Zito, você podia falar um pouco sobre o seu companheiro de meio de campo da seleção, o Didi?

R – O Didi. Foi um casamento muito bom, o nosso casamento no meio de campo. Começou no Sul Americano de 1957, o time reserva era formado no meio de campo pelo Didi e eu. Então nós já estamos nos conhecendo desde 1957, neste Sul Americano do Peru. Eu não joguei, jogou o Roberto Belangero, mas o Didi já estava jogando e com o gol dele classificou o Brasil para a Copa de 58, o famoso gol da “folha seca” no Maracanã contra o Peru. Mas eu me dei muito bem com Didi, a gente se conhecia, jogava por música, ele me conhecia, sabia como eu gostava de jogar e eu sabia como ele gostava de jogar também. Ele era emérito lançador, chutava muito bem e fazia grandes lançamentos, jogava um pouco mais parado do que eu. Mas foi um grande jogador.

P/1 – Zito, então você foi bi-campeão mundial pela seleção e também pelo Santos. A final, a segunda final foi disputada contra o Milan.

R – A segunda final foi contra o Milan no Maracanã, mas eu não joguei. E gozado o Santos jogou bem desfalcado, não jogou o Pelé, que era a estrela principal, não jogou o Calvet e não joguei eu. Não jogou o Geraldino que era titular também, mas foi um jogo, dois jogos, aliás,

emocionantes! O primeiro jogo foi fantástico, o Pepe foi o baluarte do Santos nesse primeiro jogo, na primeira decisão, um jogo que a gente estava perdendo de dois a um.

P/1 – Dois a zero.

R – Dois a zero. E o Pepe virou o jogo com o chute forte dele porque choveu e ele era um jogador que a gente gostava de falar que era lameiro, gostava de jogar na lama, mas na verdade que com a chuva no Maracanã, o chute dele ficou mais potente. E realmente ele gostava mais de jogar em campo molhado e ele virou o jogo com os dois gols de longe, foi um jogo lindo, uma virada espetacular. E o jogo final foi um gol de pênalti que o Dalmo bateu. O Dalmo era um jogador muito frio, era o batedor de pênaltis oficial do Santos. Mas foi um jogo difícil, muito difícil, muita briga. Nós tivemos nesse jogo o Almir, que jogou muito futebol, pra mim foi o melhor jogador do Santos nesse dia, defesa muito bem, mas o grande jogador dessa copa foi o Almir, pra mim, realmente jogou bem nesse jogo.

P/1 – Zito, agora partindo aí para o lado assim de sua família. Você se casa em 56.

R - Eu me casei em 1956, no dia 19 de abril.

P/1 – Como é que você conheceu a sua esposa?

R – Olha, a minha mulher era esportista, ela jogava basquete em Taubaté, no Clube de Taubaté, na seleção taubatiana, então conheci, gostei, nós conhecemos, fizemos amizade e daí surgiu o namoro. Quer dizer, os dois pólos se aproximam, ela era esportista, eu também, no final deu certo esse casamento.

P/1 – O fato de você ser jogador de futebol influenciou assim negativamente. Jogador de futebol, ele era bem visto?

R – Na época não era não, na época jogador de futebol era excluído, não era visto com bons olhos não, na época. Eu não sei porque, mas também eu não fazia muita questão de ser ou não. Eu não dava valor a isso não, eu procurava viver a minha vida estudando, jogando, eu sempre fui muito, olhava muito pra frente, sempre sério, isso não me atrapalhou na vida não. Eu sei que era difícil, inclusive muitos namoros, o pessoal comentava que tinha problema, que os pais não queriam que namorasse jogador de futebol, não era legal, não era um futuro muito conveniente para as mulheres. Mas graças a Deus acabou esse problema e deu tudo certo.

P/1 – E o futebol te afastou num primeiro momento assim mais da família por causa das excursões?

R – Ah, afastou, completamente, tanto da minha família de Roseira quanto da minha família já constituída depois que eu casei. Como eu disse, o futebol ele é exigente, qualquer esporte, principalmente futebol e principalmente num time como o Santos, que era um time muito requisitado. Nós não tínhamos tempo para perder. Se nós tivéssemos três dias sobrando, um dia ou dois dias nós tínhamos que jogar, faturar porque o Santos, a fonte de renda do Santos era a excursão. Tanto da minha família primeira, de Roseira, quanto da minha família depois constituída com a Cecília, eu vivi mais tempo jogando futebol, viajando do que em casa, realmente. Foi numa época em que o atleta profissional não era... nós não tínhamos direitos, praticamente só tínhamos deveres, não tínhamos férias, às vezes você tirava férias, às vezes não. Hoje não, hoje já está mais regularizada a profissão, mas naquela época não estava. Então praticamente a gente vivia em excursão, em função do futebol.

P/1 – E você tem quantos filhos?

R – Quatro, quatro filhos.

P/1 – Você poderia falar um pouquinho sobre eles?

R – Por ordem é Eliane, ela é psicóloga, trabalha em São Paulo, tem uma clínica em São Paulo, a Eliete, que mora comigo, ela se formou advogada mas não trabalhou, tem o José Eli Júnior que é empresário, ele se formou em engenheiro mecânico e a Elisabeth que é veterinária.

P/1 – O senhor já tem netos?

R – Tenho uma netinha que se chama Érika, é uma graça ela. É a minha filha mais nova, a gente passa a gostar do neto mais do que gosta dos filhos. A Érika hoje deve estar com 13 anos, é filha da Eliane, é a minha única netinha ainda.

P/2 – Zito, como é que os filhos reagem ao pai jogador de futebol? Você disse que viajava muito, ficava mais com o clube, como é que era a relação do senhor com os filhos nessa época?

R – Muito boa, meus filhos são meus fãs até hoje. Aonde eu vou, eles vão atrás, eu vou para um, por exemplo, existe hoje um campeonato de pequenas e médias cidades do Vale do Paraíba que chama-se Copa Zito. Eu vou na abertura e no encerramento dessa copa, é a quinta copa, vai para a sexta Copa Zito. Então vai a família inteira porque eles são os meus fãs até hoje. Vai a mulher e os filhos e neta agora acompanhando. Eles também gostam do esporte e sempre me incentivaram, são meus fãs. (riso)

P/1 – Zito, então quer dizer, passa o mundial, em 63, e você ainda joga mais quatro anos. Anos aí de muitas vitórias, penta-campeão brasileiro...

R – E eu fui na seleção de 66, na Copa de 66 também. Eu estive lá na Inglaterra.

P/2 – Como é que... O senhor disse que em 58, 62 se caracterizou pela organização. Como é que foi a de 66?

R – Foi a maior bagunça. Infelizmente foi uma bagunça. Na Copa de 66 foram convocados 44 jogadores. Imagine só, 44 jogadores para o início da preparação da seleção brasileira. E o João Havelange colocou um amigo dele na chefia, quer dizer, o comando paulista acabou em 62. Aí volta o comando para o Rio. Porque o João Havelange colocou, eu não me lembro do nome do chefe da delegação, mas é um amigo do João Havelange. E colocou na comissão técnica um preparador físico que não... das antigas, que não agradou os jogadores. Ele não exigia o que a gente precisava ser exigido, porque nessa época nós já tínhamos jogadores com alguma idade avançada. Eu, por exemplo, já estava com 34 anos, o Gilmar estava também. Tinha uns jogadores com idade já. Então você precisava se preparar muito. E não estava agradando, nós, inclusive fizemos uma reunião com o Vicente Feola, que foi o treinador, pedimos a ele que fosse trocado o preparador físico porque o Paulo Amaral que foi o preparador físico de 58 e 62, ele estava na comissão técnica mas não como preparador físico e nós estávamos sentindo que não estávamos sendo bem treinados, estava faltando perna, tal, estava faltando alguma coisa. Fizemos uma reunião com o Sr. Feola, pedimos a ele que intercedesse para ver se havia essa troca, mas não consegui. Partimos pra lá. Eu tive uma distensão muito forte na virilha no dia seguinte ao corte final. Acho que foram cortados seis jogadores ainda lá na Inglaterra. E eu tive que ficar porque já não dava mais, já tinha feito inscrição. Então eu fiquei lá tentando me recuperar, mas não consegui. Mas a organização foi péssima. Eu me lembro que eu conversei com o Sr. Feola no dia do embarque, nós estávamos pegando nossa mala lá no hotel onde estava guardado e ele se deixou muito, estava muito chateado e ele me disse que só não voltou para não deixar uma imagem ruim, mas a partir do segundo jogo ele não era mais o treinador, ele sentava no banco e o treinador era o Paulo Amaral. E isso ele me confessou. E outra, num determinado momento, o supervisor que era o Sr. Carlos Nascimento, um homem que eu admirava muito e foi supervisor na primeira copa também, ele estava consultando os veteranos sobre o time para o próximo jogo. Eu não me lembro que jogo que foi, parece que Portugal. E me perguntou: “Zito, qual é o time que você formaria?” Isso é uma demonstração que estamos sem chefia, sem cabeça, não é? Enfim, eu dei o meu, ele me pediu, eu dei o meu time, do meu time jogaram dois jogadores. Outros devem ter... Gilmar deve ter sido consultado, acho que o Djalma Santos que deve ter estado lá deve ter sido consultado, eu fui consultado. Isso é uma demonstração que a desorganização foi grande nessa seleção, em 66. Daí o resultado que nós tivemos, não tinha que ser outro. Por isso o Brasil perdeu feio, não chegou nem nas quartas de final, mas foi desorganizado.

P/1 – Bem, Zito. Em 67, então é o seu último ano jogando.

R – Foi.

P/1 – Você pensou muito essa questão de encerrar a carreira, como aconteceu?

R – Olha, eu já estava pensando uma coisa e fazendo outra. Quando uma bola passa perto e você raciocina, quer fazer e não está conseguindo, eu já estava nesse ponto, eu chegava sempre um minuto atrasado, um segundo atrasado. “Ah, acho que está chegando a hora de parar”. Bom, mas a pressão para continuar era muito grande. Mas num treinamento do Santos, numa jogada minha com o Clodoaldo, ele sentou no meu joelho e no joelho que eu tinha operado o menisco, um joelho já meio... Não estava muito bom. Ele sentou, fez um barulho e me doeu. Eu falei: “Bom, a hora é essa. Vou aproveitar para parar porque não está mais dando pra continuar”. Aí entreguei a camisa para o Clodoaldo, cheguei ao vestiário entreguei para ele: “Olha, daqui pra frente você continua porque pra mim não dá mais”. E parei, realmente parei nesse dia.

P/1 – O seu último jogo foi um Santos cinco, Combinado Ferroviário de Fortaleza zero, do Ceará, né?

R – Foi, gol de cabeça, foi o último jogo meu. Eu estava lembrando que... fiz um gol nesse jogo. Eu, encontrando anos depois com o Fagner, ele me contou que nesse jogo ele pulou o muro porque ele não tinha dinheiro pra pagar pra ver o jogo, ele era moleque. E foi, viu o jogo e se lembrou do gol que eu fiz e nem eu me lembrava que foi o último jogo que eu joguei. Ele é que me lembrou: “Olha, o último jogo seu foi assim, assim, assim?”. Realmente esse foi o último jogo que eu fiz. Depois aqui no treinamento me machuquei e não voltei a jogar mais.

P/1 – Zito, você jogou 15 anos no Santos.

R – Quinze anos, direto.

P/1 – O que é que o Santos representa pra você?

R – Pra mim? Esportivamente foi a minha vida, o Santos. O Santos é o meu time, é a minha casa, a cidade, o clube, é o clube que me deu tudo no futebol. Eu devo tudo ao Santos, tudo o que eu fui no esporte eu devo ao Santos. Então representa muito pra mim.

P/1 – Zito, eu queria mudar agora um pouquinho o rumo da nossa conversa, uma conversa assim que a gente lembrou muitos fatos e pelas entrevistas com os outros jogadores, a gente percebe tem muitas histórias folclóricas, muitos casos que aconteceram por causa desse período grande de excursão, muito tempo livre. Você tem alguma história que você se lembra desse período?

R – Que eu me lembre? Eu não sou bom pra fazer...

P/1 – Do Mengálvio, por exemplo.

R – Do Mengálvio?

P/1 – O Mengálvio parece que tem muitas histórias.

R – O Mengálvio tem (Riso) Uma do Mengálvio foi espantosa. Nós fizemos uma excursão em 63, da seleção brasileira para a Europa. E nessa seleção tinha dez jogadores do Santos. Tudo o que acontecia de errado sempre tinha um jogador do Santos. E o Carlos Nascimento continuava como supervisor, ele era exigente, durão e tal. E sempre tinha um jogador do Santos complicado, que fazia coisa errada, ou fazia coisa errada ou chamava atenção. E num banquete na Torre Eiffel, estavam sentados o Coutinho e o Mengálvio, na hora do discurso, um silêncio, o Coutinho pega na perna do Mengálvio e dá um beliscão, ele dá um grito, criou um problema miserável. (risos) Estava um silêncio e na hora do discurso. Depois ele teve que se haver com o Carlos Nascimento, mas foi muito engraçado porque todo mundo caiu na risada, não teve como segurar. Muito formal, naquela hora do discurso e eles levam a sério lá na Europa.

P/1 – Dizem que o Coutinho, realmente, era o rei da gozação.

R – Um gozador emérito. Era o rei da gozação. O Coutinho era muito alegre e ele puxava a gozação. Essa foi uma. E do Mengálvio tem milhares, eu não me lembro muito, mas essa chamou a atenção, essa ficou gravada porque foi muito boa essa.

P/1 – Você era do lado dos sérios ou do lado dos gozadores?

R – Não, eu gosto da gozação também. Eu era do lado dos sérios mas eu adoro gozação, mas pegavam no meu pé também. Em 58 pegaram no meu pé adoidado, o Pepe, e fazia músicas, o Pepe era o compositor das delegações, fazia música de gozação, todo mundo cantava, até o Nascimento chegou a cantar, era engraçado, o Pepe era muito engraçado. Mas eu era do lado sério, da turma séria.

P/1 – O Gilmar também.

R – Era o Gilmar, o Bellini, Bellini era um homem sério, eram raros, era raro ser sério no ambiente de futebol, mas tinha uma meia dúzia. (riso)

P/1 – Zito, e vocês fizeram várias excursões à África.

R – Algumas. Uma, inclusive parece que, eu não me lembro a data, mas o Pelé era ídolo na África, é indiscutível dizer, a gente empurrava, chegava o avião, a gente empurrava o Pelé para sair em primeiro lugar, que ele saía e depois é que a gente saía porque a multidão ia toda em cima dele. E teve um jogo importante, essa história aí, porque tinha dois países em guerra na África e nós íamos jogar num desses dois países aí. Então a coisa complicou, tiveram que fazer uma trégua para o Santos jogar e pra eles verem o Pelé, porque era o Pelé a figura maior do Santos pra eles. Então, na realidade, fizeram uma trégua na guerra quando o Santos jogou, depois começaram a briga de novo, mas pararam pra ver o Pelé, essa é a verdade, para ver o Santos.

P/1 – Vocês, no mundo inteiro o Santos, nessa época era realmente o grande time.

R – Era o grande time, nós íamos... Na França antigamente tinha um torneio, o torneio de Paris, todos os anos, e o Santos foi tri-campeão no Torneio de Paris, todos os anos. Ganhamos três seguidos, depois perdemos um, era muito requisitado. E era um futebol lindo, era agradável, muito. Nós jogamos em muitos lugares, muitos lugares pequenos da Bélgica, por exemplo. Acho que jogamos na Bélgica inteira, na Alemanha inteira. O Santos é invicto na Alemanha, jogou na Alemanha inteira e nunca perdeu na Alemanha. Estava perdendo esse jogo, mas ganhou. Foi em Hamburgo, não, em Frankfurt, não, em Kashür, eu não me lembro a cidade, realmente eu não me lembro, eu sei que eu nem estava jogando este jogo, foi interessante. Nós voltamos da África, nós tínhamos estado na África e fomos fazer um jogo na Alemanha e eu peguei um resfriado forte na África, não sei se foi resfriado ou o que é que foi. Eu estava fora, sentado na arquibancada, perto do treinador e o Santos estava perdendo de dois a um. E não estava legal, aí eu desci e falei para o Antoninho: “Olha, Antoninho, eu quero jogar. Vou tomar uma Cebalena?”. Porque eu joguei muitas vezes resfriado, tomava uma Cebalena e entrava, entrava no campo e me dava bem. E entrei e realmente o Santos virou, parece que estava perdendo de 2 a 1, 2 a 0 e viramos o jogo, eu não me lembro o resultado final, se foi 4 a 2 ou um negócio assim. Então, continuamos invictos na Alemanha, realmente o Santos ia muito na Alemanha e não perdeu, na Alemanha não perdeu. Inclusive nessa excursão de 63 da seleção brasileira, foi uma excursão péssima, de resultados péssimos e na Alemanha, o treinador que era o Aymoré Moreira, colocou os 10 jogadores do Santos pra jogar e mais um zagueiro do Corinthians, ganhamos o jogo da Alemanha de 1 a 0, lá na Alemanha, que era o adversário mais difícil da excursão. Na Alemanha nós estamos invictos, perdemos alguns jogos na Itália, ia muito na Itália também, fomos algumas vezes na Espanha, muitas vezes nos Estados Unidos jogar contra times europeus. Então viajamos muito.

P/1 – Que países que te marcaram mais nessas excursões?

R - Eu acho que a Alemanha, porque eles gostavam muito de futebol, muito do Santos, e viramos a Alemanha inteira e eu gostava muito de lá, da Alemanha, admiro aquele país, acho muito bonito. E um jogo me chamou a atenção, foi em Volksburg, interessante este jogo, é um time de fábrica da Volkswagen, a gente facilita às vezes, jogando você facilita às vezes, time grande facilita. E time fraco, nós estávamos ganhando de 4 a 0, eles empataram 4 a 4, acho que no final da história foi 8 a 8, me parece, o resultado desse jogo. E era um time de fábrica. Eu sei que nós, eu me lembro que o Athiê, o presidente chamou, ficou bravo porque achava que a gente estava brincando, mas não era brincadeira, geralmente você vai jogar contra um adversário às vezes sem expressão nenhuma você acomoda um pouco e depois quando acorda às vezes é tarde, mas não perdemos também. Então na Alemanha nós estamos invictos, o Santos estava invicto, acho que até hoje.

P/1 – Zito, você citou o Athiê. Você pode dizer pra gente um pouquinho como é que ele era?

R - O Athiê era sensacional, foi um grande presidente, foi um presidente que permitiu que o Santos crescesse, ele era político, foi jogador de futebol profissional, veio pra cá do Sírio, ou do Sírio Libanês, parece que tinha um time em São Paulo. E ele era descendente de sírio e veio pro

Santos contratado como goleiro e fez a vida aqui como corretor de café e depois como político, foi um grande político de Santos. Mas era um liberal, era fantástico, todo mundo gostava dele, nós admirávamos muito ele, mas estava muito afastado do Santos. E quem tocava muito o Santos, no início do crescimento do Santos foi o Modesto Roma. Esse representou para o Santos, pra mim foi um grande dirigente, de idéias abertas, esperto, uma visão fantástica. Então os dois se completavam: o Athiê e o Modesto Roma. Foram os dois os grandes precursores do Santos, que tornaram o Santos grande.

P/1 – Qual é a assim, a receita para se formar um time vencedor como foi o do Santos?

R – Olha, é escolher os homens certos para tudo, o treinador, o jogador certo. Eu, por exemplo, eu trabalhei no Santos duas vezes como dirigente, eu gosto de jogador guerreiro, a minha preferência é aliar a técnica à vibração, jogador sem vibração pra mim é difícil. Então eu acho que se você conseguir formar um time com talento na defesa, meio de campo e no ataque, eu não digo todos talentosos, mas um bom jogador na defesa que consiga manobrar ali, bons jogadores no meio de campo e bons jogadores no ataque, guerreiros, você está com meio caminho andado. Eu acho que é o Santos atual, o Palmeiras atual, e a minha opinião também. Eu acho que se você formar um time que você mescle talento com vontade, força de vontade, é meio caminho andado.

P/1 – Zito, você então atua também como dirigente do Santos.

R – Atuei como dirigente.

P/1 – Você podia lembrar um pouquinho desse período.

R – A primeira vez foi em 1978. Mil novecentos e setenta e oito. Nós entramos, eu entrei na diretoria nova como dirigente de futebol e pegamos um Santos bem desorganizado no que se refere ao comando e com jogadores que não... o talento era pequeno, para o que a gente percebia, o que a gente queria. Mas iniciamos o campeonato brasileiro com esse time e fomos observando, quando o Santos perdeu de três a zero para o Náutico no Recife, o Náutico era um time fraco, afinal de contas, e o ambiente no Santos não era muito bom, na nossa volta nós reunimos com o presidente e resolvemos que nós íamos fazer uma mudança, nós íamos utilizar os jogadores feitos em casa e que tivessem talento, com algum talento e tal. E jogadores do nível que a gente precisava, de valentia e tal, que quisessem ganhar um campeonato. Então surgiu aquele time jovem de 78 com Joari, com João Paulo na ponta esquerda, o Pita, eram todos juvenis, o Joari juvenil, o Pita juvenil, o Nilton Batata, que já estava mas não jogava, e garotos atrás. Contratamos alguns jogadores e formamos esse time. E gozado, não era um time, um super time, mas era uma garotada que pegou o conjunto e começou a dar certo. Nós pegamos um goleiro fraco, mas um goleiro jovem, com vontade, lá no Rio Grande do Sul, foi uma informação do Calvet, foi campeão em 78.

P/2 – O Marola?

R – Não. Eu esqueço o nome dele. Então nós fomos buscando, preenchendo os lugares que... era o Flávio. E foi campeão o Flávio. Então conseguimos formar um belo meio de campo e ataque, defesa não era muito forte, mas meio de campo e ataque eram bons. E ganhamos esse campeonato. Isso foi em 78. Depois em 84 eu voltei, a convite do presidente Milton Teixeira, na época, era uma bagunça o Santos também, tinha caído o técnico, o Formiga, eles tinham dispensado o Formiga e eu aceitei o convite dele para dirigir o time de futebol. Então montamos uma estrutura, tinha o time todo esfacelado, o Paulo Isidoro brigado, Serginho brigado, tinha um elenco bom, mas estava uma confusão danada. Então entramos, fizemos algumas contratações, contratamos o Castilho, hoje falecido, era treinador do Operário, mas de caráter excelente. Montamos o time e fomos campeões em 84 também em cima do Corinthians, 2 a 1, 1 a 0, gol do Serginho em cima do Corinthians. E agora mais recentemente, há quatro anos, trabalhei com Marcelo Teixeira, infelizmente não produzimos grande coisa. Mas acho que hoje o Santos está bem, um belo time, um time competitivo. Pode até chegar.

P/1 – Pode até levar este campeonato paulista, né?

R – Pode, paulista, brasileiro, os que ele entrar, pode ser considerado um dos favoritos.

P/1 – Zito, nós estamos nos encaminhando aqui para o fim da nossa entrevista. E eu queria lembrar aqui que o Santos teve assim adversários que marcaram, um deles foi o Botafogo. Você se lembra de partidas?

R – O Botafogo era metade da seleção brasileira. O Santos tinha menos da metade e o Botafogo tinha quase a metade. Era o Garrincha, Didi, Quarentinha, Amarildo, Zagallo, Nilton Santos, Pampolini - volante, jogou na seleção. E era um timaço, o Botafogo. Jogava bonito. Era o nosso adversário no mundo, nós saímos de um lado, Botafogo por outro mas às vezes nós cruzávamos, como num torneio, com a Copa Tereza Herrera, a final foi Santos e Botafogo e o Santos ganhou a Copa. Mas era vibrante, eles ganhavam, às vezes ganhavam, o Santos ganhou mais vezes, acho, que o Botafogo. Mas dois jogos me chamaram a atenção. Nós jogamos duas vezes, uma pelo Torneio Rio-São Paulo e a outra pelo campeonato brasileiro, na quarta e no domingo. Na quarta-feira, acho que o Botafogo nos ganhou de 3 a 0, e nós nos reunimos, nós estávamos hospedados no morro, lá no morro do Rio, eu não me lembro como é que se chama aquele hotel, lá no Corcovado. Fizemos uma reunião e armamos uma fórmula de jogar com o Botafogo. Porque o Zagallo, por incrível que pareça, o Zagallo não era o melhor ponta do Brasil, nem o segundo melhor, nem o terceiro melhor, mas ele, na realidade, ele inventou um estilo de jogo no Brasil, o Brasil mudou de 4-2-4 para 4-3-3 graças ao Zagallo. E sem querer, ele inventou esse sistema, era a fórmula dele jogar. E complicava pra nós porque jogávamos no 4-2-4, porque eles se defendiam com mais gente e atacavam com mais gente. Então fizemos uma fórmula para jogar contra o Botafogo no domingo, colocamos o Dorval para marcar o Zagallo, o Dorval ponta-direita: "Então, você vai marcar o Zagallo, está sem a bola lá, encosta no Zagallo". Foi fácil, ganhamos o jogo acho que foi quatro. Quatro ou cinco.

P/1 – Cinco a zero.

R – Eu não sei qual o resultado, não me lembro. Mas foi quatro ou cinco no segundo jogo. E foi interessante porque isso ocorreu. Perdemos na quarta e ganhamos no domingo. Mas às vezes acontecia isso com o Botafogo porque eles, realmente, tinham o time muito bom.

P/1 – Para o Santos outro rival histórico foi o Corinthians.

R – O outro rival era o Palmeiras. O Palmeiras era em título, a gente ganhava um, dois, o Palmeiras entrava no meio, títulos e torneios, estava sempre no meio, o Palmeiras. Aqui em São Paulo era o adversário que mais se aproximou.

P/1 – Você se lembra de alguma grande goleada no Palmeiras?

R – Lembro, essa que eu falei de oito a seis. Nós ganhamos do Palmeiras aqui, foi interessante, foi sete a três, na Vila Belmiro e no segundo turno, isso foi o campeonato paulista. E no segundo turno fomos jogar em São Paulo e não sei se foi lá que os aviões soltavam os papezinhos que vendiam terrenos de 7 por 3 para gozar a torcida do Palmeiras. Então a torcida do Palmeiras estava embalada. Fomos jogar no Palestra Itália lá. Quando nós entramos em campo era só bomba, rojão em cima de nós. Então nós praticamente jogamos no meio campo, longe da arquibancada do lado de cá, do torcedor palmeirense, que não era o jardim suspenso ainda, então do lado de lá tinha pouco. Então jogamos só do lado de lá e tomamos de 5 a 1. Eu tenho uns amigos palmeirenses e a gente briga muito por causa disso aí. Eu acho que nós perdemos esse jogo por causa dos foguetes e não praticamente pelo Palmeiras. Mas o Palmeiras, realmente era o time que mais complicava pelo Santos.

P/1 – Zito, depois do futebol você se estabeleceu como empresário.

R – É, trabalhei de 71 até 90. O presidente Collor foi em 90? Trabalhei até 90.

P/1 – A sua empresa era de que?

R – Era empresa de artefatos de borracha. Que hoje é dirigida pelo meu filho, ele é que está na testa da empresa hoje.

P/1 – E atualmente você está se dedicando mais à sua fazenda?

R – Sim, eu fico mais lá. Estou lá e em Santos, venho visitar Santos, passo alguns dias aqui e volto pra lá. Mas atualmente eu mais fico em Pindamonhangaba, na fazenda, do que aqui.

P/1 – E como é que é vida de fazendeiro?

R – É uma vida de interior. (riso) Volto às minhas raízes interioranas. E lá estou perto da minha família, os meus irmãos estão vivos, de vez em quando, muito de vez em quando eu saio da fazenda, porque quando eu estou na fazenda dificilmente eu saio, eu não gosto de sair. Mas vou visitá-los, vou muito a Pindamonhangaba porque eu estudei em Pinda quatro anos e tenho muitos amigos em Pindamonhangaba, temos negócios em Taubaté, a gente vai também a Taubaté que é ali pertinho. Então, passa muito rápido a vida lá, eu estou muito bem lá.

P/2 – Para a gente, como o José falou estamos chegando ao final, para quem não gostava de perder nem treino como é que é acompanhar futebol sem poder entrar no campo?

R – Duro pra caramba! A pior coisa do mundo é você ser da forma que eu sou, apaixonado e ter jogado, ter participado de um time fantástico, de uma seleção fantástica e ficar do lado de fora chutando banco, torcendo, xingando o juiz, o próprio jogador, é difícil para chuchu, viu? Não é fácil assistir jogo e tem outra não é fácil ser dirigente do clube porque hoje está muito difícil você formar um time. O Santos formou o maior time do mundo, e foi engraçado numa época em que não tinha dinheiro, mas tudo que faturava investia no futebol e hoje ninguém consegue montar um time igual ao Santos, nem o próprio Barcelona, o Real Madrid, esses times fantásticos, organizados. Não conseguem. Por quê? Muito caro. Então, hoje é difícil você montar um time, muito difícil. Mas assistir um jogo do seu time hoje é difícil, é duro. A gente brinca, eu gostaria mais de estar lá dentro, era mais fácil resolver os problemas.

P/2 – Chega a sonhar com o futebol?

R – Não, passou. Agora sou torcedor mesmo.

P/1 – E Zito, como é que você se sente hoje contando a sua história, entrando para o Museu do Santos, nesse trabalho de preservar a memória?

R – Eu me sinto mais velho. (risos) Eu estou entrando no museu, já estou velho. Eu brinco muito porque eu estava vendo o carnaval desse ano. Então, estava passando os veteranos da Portela, a Velha Guarda da Portela. Então, Fulano de tal, 50 e poucos anos, Sicrano de tal, 50 e poucos anos. Caramba! Eu estou velho mesmo, eu estou com 60 e poucos. Então é isso. (riso)

P/1 – Então, Zito, a gente agradece aí a sua maravilhosa entrevista, contribuiu aí muito para esse grande acervo que o museu está montando e esperamos depois ver esses outros materiais com você, fotográficos e tudo mais.

R – Eu tenho umas fotografias que já falei e vou trazer da próxima vez. Fotografia é mais fácil de conseguir, essa entrevista que devido aos

problemas que eu tenho tido de tempo é que ficou difícil, mas eu acho que saiu tudo bem. O museu não vai ficar sem esta entrevista.

P/1 – Então, muito obrigado.